

ÍNDICE

Prólogo

O ofício de Thery	9
1. Uma história num jornal	17
2. Os fiéis Comuns	25
3. A recompensa de mil libras	35
4. Preparativos	45
5. O ultraje no <i>Megaphone</i>	55
6. As pistas	69
7. O mensageiro d'Os Quatro	81
8. O bloco de notas	95
9. A ambição desmedida de Marks	107
10. Os três mortos	123
11. Um recorte de jornal	137
12. Conclusão	149

Prólogo

O ofício de Thery

Se partirem da Plaza de Mina, descerem pela rua estreita onde, entre as 10h00 e as 16h00, se vê preguiçosamente hasteada a grande bandeira do Consulado dos Estados Unidos da América, atravessarem a praça para a qual dá a frontaria do Hotel de Francia, contornarem a Igreja de Nossa Senhora e percorrerem a simples e estreita via que constitui a rua principal de Cádiz, chegarão ao Café de las Naciones.

Às 17h00, haverá pouca gente no amplo salão com pilares e, normalmente, as pequenas mesas redondas que obstruem o passeio em frente das portas estão desocupadas.

No final do verão (do ano da fome), quatro homens sentavam-se a uma mesa e falavam de negócios.

Um era Leon Gonzalez, Poiccart era outro, George Manfred era o ilustre terceiro, e um outro, Thery, ou Saimont, era o quarto. Deste quarteto, apenas Thery dispensa apresentação ao estudioso de história contemporânea. Encontram o seu cadastro no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Está registado como Thery, pseudónimo Saimont.

Podem até mesmo, se forem curiosos e tiverem a autorização necessária, inspecionar o seu retrato, tirado em dezoito posições diferentes — com as mãos cruzadas em frente do peito largo; foto de rosto; com barba de três dias; de perfil; com... Mas de que vale enumerar todas as posições?

Também ali se encontram fotografias das suas orelhas — extremamente feias, como as de um morcego — e a longa e exaustiva história da sua vida.

O senhor Paolo Mantegazza, diretor do Museu Nacional de Antropologia de Florença, honrou Thery ao incluí-lo no seu trabalho admirável (vejam o capítulo sobre «O Valor Intelectual de um Rosto»); por esse motivo, digo a todos os estudantes de criminologia e de fisionomia que Thery não deverá necessitar de apresentação.

Este homem, obviamente pouco à vontade, sentava-se a uma pequena mesa, a beliscar as bochechas gordas, alisando as sobrancelhas hirsutas, dedilhando a cicatriz branca que tinha no queixo por barbear, fazendo todas as coisas que as classes mais baixas fazem quando são subitamente colocadas numa posição de igualdade com os seus superiores.

Apesar de Gonzalez, de olhos azul-claros e mãos inquietas, de Poiccart, silencioso, saturnino e desconfiado, e de George Manfred, de barba grisalha e monóculo, serem menos famosos no mundo do crime, cada um deles era um grande homem, como em breve ficarão a saber.

Manfred pousou o *Heraldo de Madrid*, retirou o monóculo, esfregou-o com um lenço de bolso impecável e riu-se, tranquilamente.

— Estes russos são engraçados — comentou.

Poiccart franziu o sobrolho e pegou no jornal.

— Quem foi desta vez?

— Um governador das Províncias Meridionais.

— Assassinado?

O bigode de Manfred recurvou-se desdenhosamente.

— Bah! Quem é que mata um homem com uma bomba? Sim, sim, eu sei que isso já foi feito. Mas é tão grosseiro, tão primitivo, é quase o mesmo que escavares as sapatas de um muro de uma cidade para que esta possa cair e matar, entre outros, o teu inimigo.

Poiccart lia o telegrama deliberadamente e sem pressa, como era seu hábito.

— O príncipe ficou gravemente ferido e o aspirante a assassino perdeu um braço — leu, contraíndo os lábios em desaprovação.

As mãos de Gonsalez, que nunca estavam quietas, abriam-se e fechavam-se nervosamente, um sinal de que estava perturbado.

— Aqui este nosso amigo — Manfred abanou a cabeça em direção a Gonsalez e riu-se —, este nosso amigo tem uma consciência e...

— Aconteceu uma única vez — interrompeu Leon, rapidamente. — E, se bem te lembras, não foi por vontade minha, Manfred. Tu lembras-te, Poiccart — insistiu com os outros, mas não se dirigiu a Thery. — Eu desaconselhei-os. Lembras-te? — parecia ansioso por se ilibar da acusação não mencionada. — Foi uma história muito infeliz, eu estava em Madrid — continuou ofegante —, e eles vieram ter comigo, uns homens de uma fábrica em Barcelona. Contaram-me o que iam fazer, e eu fiquei horrorizado com a sua ignorância sobre as mais elementares leis da química. Anotei os ingredientes e as proporções, e implorei-lhes, sim, quase de joelhos, que utilizassem outro método qualquer. «Meus jovens», disse-lhes, «estão a brincar com algo que até mesmo químicos têm medo de manusear. Se o dono da fábrica é um homem mau, por favor exterminem-no, deem-lhe um tiro, façam-lhe uma espera depois do jantar, quando estiver lento e torpe, e apresentem-lhe uma petição com a mão direita e com a mão esquerda, assim!» — Leon cerrou o punho, baixou-o, e golpeou em frente e para cima contra um opressor imaginário. — Mas eles não quiseram ouvir nada do que eu disse.

Manfred agitou o copo de líquido cremoso que se encontrava junto a si e acenou com a cabeça, com um brilho divertido nos olhos cinzentos.

— Lembro-me disso, morreram várias pessoas, e a testemunha principal no julgamento do perito em explosivos foi o homem a quem a bomba se destinava.

Thery pigarreou, como se tencionasse falar, e os três homens olharam para ele com curiosidade. Notava-se algum ressentimento na voz de Thery.

— Não alego ser um grande homem como os senhores. Metade do tempo, não compreendo aquilo de que estão a falar. Falam de governos e de reis, de constituições e de causas. Se um homem me

causar algum mal, eu esmago-lhe a cabeça — disse, hesitante. — Não sei bem como explicá-lo... Mas o que quero dizer é... Bem, vocês matam pessoas sem as odiarem, homens que não vos fizeram mal. Ora, essa não é a minha maneira de agir... — hesitou novamente, tentou organizar os pensamentos, olhou atentamente para o meio da estrada, abanou a cabeça e voltou a ficar em silêncio.

Os outros olharam para ele, depois entre si, e todos sorriram. Manfred tirou do bolso uma caixa volumosa, retirou de lá um cigarro meio desfeito, voltou a enrolá-lo habilmente e acendeu um fósforo na sola da bota.

— A sua maneira de agir, caro Thery — disse enquanto puxava o fumo —, é a dos tolos. Mata para obter algum benefício; nós matamos para que seja feita justiça, o que nos eleva acima dos comuns assassinos profissionais. Quando vemos um homem injusto a oprimir os seus camaradas; quando vemos um mal perpetrado contra o bom Deus — Thery benzeu-se —, e contra o ser humano, e sabemos que, pelas leis dos homens, o prevaricador pode escapar impune, nós castigamos.

— Ouça — interrompeu o taciturno Poiccart. — Em tempos, uma rapariga, jovem e bela, lá de cima — acenou a mão em direção a norte com uma precisão exata —, e um padre, um padre, está a perceber, e os pais fingiram que não viram porque acontece muitas vezes... Mas a rapariga sentia repugnância e vergonha, e não quis ir ter com o padre uma segunda vez. Portanto ele apanhou-a e manteve-a presa numa casa e, quando ela deixou de ser novidade, expulsou-a de lá, e eu encontrei-a. A rapariga não me era nada, mas eu disse-lhe: «Aqui está um crime que a lei não consegue punir adequadamente.» Portanto, uma noite, fui visitar o padre com o chapéu a ocultar-me os olhos e disse-lhe que queria que viesse prestar assistência a um viajante moribundo. Ele não queria vir, mas eu disse-lhe que o moribundo era rico e uma pessoa incrível. Ele montou no cavalo que eu tinha trazido e fomos até uma pequena casa na montanha... Tranquei a porta e voltei-me para ele, assim! Não tinha escapatória possível, e ele sabia disso. «O que tenciona fazer?», perguntou, com voz ofegante.

«Vou matá-lo, *señor*», respondi, e ele acreditou em mim. Contei-lhe a história da rapariga... Ele gritou quando me dirigi a ele, mas era preferível ter poupado o fôlego. «Deixe-me falar com um padre», implorou; e eu entreguei-lhe... um espelho.

Poiccart interrompeu o relato para beber o seu café.

— Encontraram-no no dia seguinte, na estrada, sem uma única marca que revelasse a forma como morreu — disse simplesmente.

— E como foi que ele morreu? — They inclinou-se para a frente, ansioso, mas Poiccart limitou-se a sorrir sinistramente, e não deu qualquer resposta.

They franziu o sobrolho e olhou com suspeição para cada um deles.

— Se são capazes de matar como dizem que são, porque é que me mandaram chamar? Eu estava feliz em Jerez, a trabalhar para um produtor de vinhos... Havia lá uma rapariga... Chamavam-lhe Juan Samarez — limpou a testa e olhou rapidamente para os outros. — Quando recebi a vossa mensagem, pensei que gostaria de vos matar, fossem quem fossem os senhores. Compreendam que sou feliz... E que há a rapariga e a minha vida antiga que eu já esqueci...

Manfred conteve os seus protestos incoerentes.

— Ouça — disse autoritariamente —, não lhe cabe a si indagar sobre o quê e o porquê; nós sabemos quem é e o que é; sabemos mais sobre si do que até mesmo a polícia e, por isso, podemos mandá-lo para o garrote.

Poiccart acenou afirmativamente com a cabeça e Gonzalez olhou para They com curiosidade, como o estudioso que era da natureza humana.

— Nós queremos um quarto elemento — continuou Manfred — para algo que tencionamos fazer; gostaríamos de ter encontrado alguém entusiasmado simplesmente pela vontade de fazer justiça. Não sendo possível, temos de ter um criminoso, um assassino, se assim lhe quiser chamar.

They abriu e fechou a boca como se fosse falar.

— Um homem que possamos matar imediatamente se nos desapontar; você é esse homem; não corre riscos nenhuns, será bem

recompensado e pode até não lhe ser pedido que mate. Ouça — continuou Manfred, vendo que Thery abrira a boca para falar. — Conhece Inglaterra? Vejo que não. Conhece Gibraltar? Bem, é o mesmo povo. Há um país lá em cima — as expressivas mãos de Manfred acenaram para norte —, um país peculiar e aborrecido, com pessoas peculiares e aborrecidas. Há um homem, um membro do Governo, e há homens de quem o Governo nunca ouviu falar. Lembra-se de um tal de Garcia, Manuel Garcia, líder do movimento do carlismo? Está em Inglaterra, é o único país onde está seguro, e dirige o movimento aqui a partir de lá, o grande movimento. Sabe do que estou a falar?

Thery acenou afirmativamente com a cabeça.

— Este ano, bem como no ano passado, houve uma crise de fome, homens têm morrido às portas das igrejas, passam fome em praças públicas; viram governos corruptos a sucederem-se uns aos outros; viram milhões a escapar do erário público para os bolsos dos políticos. Este ano vai acontecer alguma coisa, o velho regime tem de cair. O Governo está ciente disto, eles sabem onde o perigo espreita, sabem que a sua salvação depende de Garcia lhes ser entregue em mãos antes que os planos para uma revolta estejam concluídos. Mas, por enquanto, Garcia está a salvo e estaria a salvo para todo o sempre se não fosse um membro do Governo inglês, que está prestes a submeter para aprovação um projeto de lei. Quando esse projeto de lei for aprovado, é como se estivessem a matar o Garcia. O senhor tem de nos ajudar a impedir que esse projeto de lei passe a lei. Foi por isso que o mandámos chamar.

Thery parecia perplexo.

— Mas como? — gaguejou.

Manfred retirou um papel do bolso e entregou-o a Thery.

— Esta, penso eu, é uma cópia exata da descrição que a polícia tem de si — disse de forma intencional.

Thery acenou afirmativamente com a cabeça. Manfred inclinou-se e, apontando para uma palavra escrita a meio da folha, perguntou:

— É esta a sua profissão?

Thery pareceu ficar confuso.

— Sim — respondeu.

— Sabe efetivamente alguma coisa sobre esta profissão? — perguntou Manfred seriamente; e os outros dois homens inclinaram-se para a frente para ouvirem a resposta.

— Sei — respondeu Thery, lentamente. — Sei tudo o que há para saber, se não fosse um... erro, eu poderia ter ganhado muito dinheiro.

Manfred produziu um suspiro de alívio e acenou com a cabeça para os seus dois companheiros.

— Então — disse, bruscamente —, o ministro inglês é um homem morto.